

The role of parents and teachers in the productive use of Information and Communication Technologies

O papel de pais e professores no uso produtivo das Tecnologias de Informação e Comunicação

Maria Flávia Ribeiro Rodrigues²  

Wellington Marçal de Carvalho³  

Data de Submissão: 14 jun. 2021.

Data de Aprovação: 27 jun. 2021.

Data de Publicação: 30 jun. 2021.

ABSTRACT: This article presents the results of a bibliographical and descriptive research, in which we sought to verify, from the analysis of specialized publications, how the use of Information and Communication Technologies (ICTs), mediated by parents and teachers, can contribute in the search for more productive and safer navigations for children and teenagers. As a methodological resource, the search for articles on Academic Google and audiovisual publications in a virtual environment was used, from the term "the limits of internet use by children and adolescents", having as main reference the analysis of the results of the latest edition of the ICT research online Brazil 2019, in the light of authors who support the debate on the topic. The study made it possible to conclude that the partnership between parents and school should guide the work, in order to develop in children and young people a critical profile regarding the use of ICTs so that they can protect themselves from the dangers found in the virtual world, as well as to adopt an ethical posture and awareness of the benefits and risks that new technologies can provide. It is concluded that there is a need for awareness of parents in order to adopt an assiduous and protective posture in relation to the use of the network and ICTs by their children. The best technology that parents can use in this process is dialogue, a relationship of affection and trust, following their activities on the internet.

Keywords: Information. Knowledge. Cyberspace. Education. Technologies.

RESUMO: O presente artigo apresenta o resultado de pesquisa bibliográfica e descritiva, em que buscou-se verificar, a partir da análise de publicações especializadas, como o uso das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), mediado por pais e professores, podem contribuir na busca de navegações mais produtivas e seguras para crianças e adolescentes. Como recurso metodológico foi utilizada a busca de artigos no *Google Acadêmico* e publicações audiovisuais em ambiente virtual, a partir do termo "os limites do uso da *internet* por crianças e adolescentes", tendo como principal referência a análise dos resultados da última edição da pesquisa *TIC online Brasil 2019*, à luz de autores que subsidiam o debate sobre o tema. O estudo possibilitou concluir que a parceria entre pais e escola deve nortear o trabalho, de maneira a desenvolver nas crianças e jovens um perfil crítico quanto ao uso das TICs para que eles possam se resguardar dos perigos encontrados no mundo virtual, bem como de adotar uma postura ética e consciente dos benefícios e riscos que as novas tecnologias podem proporcionar. Conclui-se que há a necessidade de conscientização dos pais no intuito de adotar postura assídua e protetiva em relação ao uso da rede e das TICs por parte de seus filhos. A melhor tecnologia que os pais podem utilizar nesse processo é o diálogo, a relação de afeto e confiança, acompanhando suas atividades na *internet*.

Palavras-chave: Informação. Conhecimento. Ciberespaço. Educação. Tecnologias.

¹ **Atribuição CC BY:** Este é um artigo de acesso aberto e distribuído sob os Termos da *Creative Commons Attribution License*. A licença permite o uso, a distribuição e a reprodução irrestrita, em qualquer meio, desde que creditado as fontes originais.

² Bibliotecária na Biblioteca Infantil do Colégio Santo Agostinho – Unidade Belo Horizonte. Especialista em Uso Educacional da Internet (UFLA). Graduada em Ciências Sociais (UNIMONTES).

³ Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Doutor em Letras – Literaturas de Língua Portuguesa.

1 INTRODUÇÃO

A sociedade vive hoje a era da informação e do conhecimento, em que novas formas de comunicação e interação vêm sendo criadas através de conexões tecnológicas e, especialmente, pelo avanço dos usos da *internet*. A sociedade em rede, conceito popularizado por Castells (1999), advém da conexão entre os usuários da rede mundial de computadores em todo o planeta, em um constante intercâmbio de informações. Assim, na sociedade informacional contemporânea, o indivíduo está cada vez mais conectado ao outro, em qualquer parte do mundo (CASTELLS, 1999). Tal afirmação abrange a participação no mundo virtual de sujeitos de todas as idades e classes sociais, embora considerando-se as limitações proporcionadas pelas desigualdades entre a população mundial.

Dados da pesquisa TIC Domicílios 2019, realizada pelo Centro Regional para o Desenvolvimento de Estudos sobre a Sociedade da Informação (Cetic.br), vinculado ao Comitê Gestor da *Internet* (GGI) no Brasil, publicado pela Agência Brasil (2020) apontam que “três em cada quatro brasileiros acessam a *internet*, o que equivale a 134 milhões de pessoas”. Entretanto, mesmo que a quantidade de usuários e os serviços *online* utilizados tenham aumentado, ainda persistem diferenças de idade, renda, gênero, raça e regiões.

O uso da *internet* por crianças e adolescentes é uma realidade crescente no Brasil. O Cetic.br é também o órgão responsável por realizar no país, desde o ano de 2012, a pesquisa *TIC Kids Online Brasil*, que conta com a participação de crianças e adolescentes usuários de *internet*, entre 9 e 17 anos, e que envolve ainda seus respectivos pais. O propósito da pesquisa é medir as oportunidades e riscos relacionados ao uso da *internet* e já na sua primeira edição, em 2012, apontava aspectos considerados surpreendentes pelos especialistas da área. Na ocasião, um dos resultados apresentados foi o alto percentual de os pais considerarem que os filhos fazem “uso seguro da *internet*”, dado contestado por Cappi (2013) ao afirmar que:

[...] foi um dado bastante surpreendente, 71% dos pais acreditam que os filhos usam a *internet* com segurança. Isso revela como eles entendem o que é o uso seguro, e isso também foi revelado nos testes cognitivos. Acho que essa é uma diferença que podemos destacar, porque na Europa essa é uma questão muito discutida e relevante, e aqui a gente percebe que é muito incipiente, há pouca preocupação dos pais em relação a isso e, de repente, pouca discussão. (CAPPI, 2013, p. 91).

Entretanto, essa percepção dos pais relatada na pesquisa, por sua vez está na contramão do que é divulgado cotidianamente, seja na mídia ou por órgãos especializados. Inclusive na mais recente edição da *TIC Kids Online Brasil4* - a oitava -, divulgada no ano de 2019, os dados apresentados indicam que os pais alegam informar os filhos sobre as questões de segurança:

Entre os pais ou responsáveis das crianças e adolescentes de 9 a 17 anos, 80% reportaram conversar com os filhos sobre atividades on-line, 77% ensinam como usar a *Internet* com segurança e 55% ajudam a fazer alguma tarefa na *Internet* que a criança não entende. De forma geral, atividades de orientação são mais direcionadas às faixas etárias mais baixas: o número de pais ou responsáveis que acompanha atividades presencialmente, falando ou participando do que o filho está fazendo, foi de 75% para população de 9 a 10 anos e de 47% para a população de 15 a 17 anos. (CETIC.BR, 2019, s/p).

Esse resultado leva a crer que existe um desconhecimento dos pais em relação aos riscos oferecidos pela *internet*. Tal afirmação baseia-se, inclusive no fator de conhecimento e uso das tecnologias relatadas pelos sujeitos da pesquisa: 77% da população de 15 a 17 anos acredita saber mais sobre a *internet* do que seus pais ou responsáveis; na faixa etária de 13 a 14 anos, 67% afirmam saber mais, e entre 11 e 12 anos este

⁴ Em sua oitava edição, a pesquisa *TIC Kids Online Brasil* entrevistou 2.954 crianças e adolescentes com idades entre 9 e 17 anos, bem como seus pais ou responsáveis, em todo o território nacional. As entrevistas aconteceram entre outubro de 2019 e março de 2020, visando a entender de que forma esse público utiliza a *Internet* e como lida com os riscos e as oportunidades decorrentes desse uso.

percentual é de 52%, o que é confirmado por Deslandes e Coutinho (2020), que alertam:

O guia da OMS “COVID-19 parenting” reconhece que o uso da *internet* para os adolescentes é essencial à sua sociabilidade, mas sugere que os conteúdos sejam de conhecimento e até mesmo de monitoramento pelos pais. Esse é um tema controverso, pois diz respeito à autonomia e à privacidade dos mais jovens, por um lado, e por outro o controle parental. O desafio ainda envolve um monitoramento que não se dá pela via técnica (criar barreiras de acesso a certos conteúdos, por exemplos), pois os pais em geral têm menor domínio digital em relação aos adolescentes e até crianças [...] (DESLANDES; COUTINHO, 2020, p. 2479-2486).

Dentre os conteúdos perigosos e considerados inadequados, a pesquisa revelou que as crianças e adolescentes têm contato frequentemente com aspectos relacionados aos “auto-dano e conteúdos sensíveis”, a exemplo de cenas de violência ou com muito sangue; formas para ficar muito magro(a); formas de cometer suicídio; formas de machucar a si mesmo; experiências ou uso de drogas, bem como de “conteúdo sexual”, com as afirmações de que “viram na *internet* imagem ou vídeo de conteúdo sexual; se sentiram incomodados após contato com imagem ou vídeo de conteúdo sexual; me enviaram pela *internet* mensagens de conteúdo sexual; já me pediram na *internet* uma foto ou vídeo em que aparecia pelado(a)”.

O vídeo “*Internet e seu filho*”, produzido por um grupo de especialistas no ano de 2009 confirma os aspectos relatados na pesquisa e trata das precauções que os pais precisam ter com relação ao uso da *internet* por seus filhos. Segundo informações divulgadas no vídeo, 50% das crianças e adolescentes que navegam na *internet* já tiveram contato com conteúdo agressivo ou impróprio para a idade. Essa é uma estatística bastante preocupante, o que torna a tarefa de orientação dos pais algo essencial e ainda mais urgente.

O conteúdo veiculado no vídeo demonstra, ainda, que 65% dos pais não impõem nenhuma regra quanto ao uso da *internet* pelos filhos. Esse dado corrobora a ideia de que muitos dos responsáveis pelos menores ainda não estão cientes quanto aos males advindos do uso indevido da rede mundial de computadores. Assim, devido aos riscos comprovadamente oferecidos na *internet*, a

participação dos pais na vida *online* das crianças e adolescentes se tornou algo imprescindível para que eles possam aproveitar os aspectos positivos e as possibilidades da rede, orientados de forma a evitar situações que possam resultar em violências de qualquer espécie, seja moral ou física.

Nesse cenário, como apontam dados da pesquisa *TIC Kids Online Brasil 2019*, o que se vê é que os pais, por muitas vezes, demandam a responsabilidade da orientação aos filhos para a escola, por vê-la “como o local adequado para obter informações sobre o uso seguro da *internet*” (CETIC.BR, 2019, s/p).

Considerando esta realidade, o presente artigo apresenta o resultado de uma pesquisa bibliográfica que, como indicam Cervo, Bervian e da Silva (2007, p. 61), “constitui o procedimento básico para estudos pelos quais se busca o domínio do estado da arte sobre determinado tema”, e procedimento descritivo, registrando, analisando e correlacionando fatos e ou fenômenos sem, entretanto, manipulá-los.

Na perspectiva apontada, buscou-se verificar, a partir da análise de publicações especializadas, como o uso das TICs mediado por pais e professores pode contribuir na busca de navegações mais produtivas e seguras para crianças e adolescentes. Como recurso metodológico foi utilizada a busca aleatória de artigos no *Google Acadêmico* e publicações audiovisuais em ambiente virtual, a partir do termo “os limites do uso da *internet* por crianças e adolescentes”, tendo como principal referência a análise dos resultados da última edição da pesquisa *TIC online Brasil 2019*, à luz de autores que subsidiam o debate sobre o tema.

2 OS RISCOS NO USO DA INTERNET E AS MEDIDAS DE SEGURANÇA

Existe atualmente em circulação uma infinidade de informações que surgem exponencialmente e que nem sempre são confiáveis, podendo gerar situações de grandes transtornos. As redes sociais contribuem muito nesse processo de geração e disseminação das informações, tanto de forma positiva quanto negativa. Por outro lado, podem ser a porta para disseminação de preconceitos, fonte de informações para uso maldoso, difamação de pessoas, dentre outros aspectos. Segundo Bozza (2016):

Ademais, existem ainda outras características do ciberespaço que podem

potencializar os riscos a que estamos sujeitos nesse meio, como, por exemplo: a ausência de controle daquilo que é inserido no ambiente virtual, a durabilidade dos conteúdos disponíveis online, a possibilidade de propagação de elementos para um grande número de pessoas etc. Tais características levam-nos a crer que estamos extremamente vulneráveis, sujeitos a riscos nesse espaço. (BOZZA, 2016, p.13).

Em março de 2018, o programa televisivo brasileiro "Custe o que Custar – CQC", de grande audiência na ocasião, divulgou em um de seus episódios uma matéria intitulada "Perigos da Internet" que mostrou como acontece, na prática, a captura de senhas em redes abertas e invasão de perfil de usuário nas redes sociais. Enfatizou o quanto todos estão vulneráveis a ataques *hackers*. Ao mostrar como acontece a invasão a um perfil de *Facebook* e um *e-mail*, demonstrou como essa prática pode trazer transtornos irremediáveis às vítimas. Na mesma linha, matéria *online* publicada pelo Jornal *O Tempo*, de Belo Horizonte – Minas Gerais, em março de 2021, informa que no ano de 2020 o Brasil foi o país mais atingido por tentativas de roubo de dados pessoais ou financeiros de pessoas na *internet*, prática denominada de *phishing*. De posse dessas informações, golpistas prejudicam a vítima de diversas formas, seja acessando recursos ou enganando pessoas, se fazendo passar por elas (JORNAL O TEMPO ONLINE, 2021).

Nem sempre são somente as pessoas anônimas e comuns que estão sujeitas a ataques. Pessoas ilustres e autoridades como a ex-presidenta do Brasil, Dilma Rousseff, ainda no cargo, foi vítima de espionagem pelos Estados Unidos, numa demonstração óbvia da vulnerabilidade dos sistemas de segurança, que não são protegidos nem mesmo tendo senhas. Tal situação alerta para o risco de acesso a informações pessoais por redes abertas, já que, ao serem utilizadas, as redes se tornam alvos fáceis de ataques de *hackers*.

Os riscos podem ser minimizados com algumas ações relativamente simples tais como, ao usar as redes sociais, realizar a autenticação de dois fatores, disponíveis nas redes como *Facebook* e *Instagram*, evitando que outras pessoas, mesmo com a senha, consigam "logar" no aplicativo; o uso de estratégias que possam assegurar, ainda que de forma falha, alguma segurança nesse universo

digital; o uso responsável da *internet* aprendendo como navegar de forma segura, entre outras ações.

Por ser uma realidade diferente, na *internet* os prejuízos têm dimensões maiores, e por isto algumas orientações são necessárias para seu uso estratégico e seguro tais como não abrir *e-mails* de remetentes desconhecidos; não clicar em *links* enviados por *e-mail* estranhos; nunca abrir arquivos com extensão EXE; nunca revelar dados pessoais em *sites* ou para *e-mails* desconhecidos; nunca divulgar, nas redes sociais, informações como número de documentos, endereço, telefone, nome da escola onde estuda, grupos que frequenta; nunca exibir a localização quando conectados pelo celular; evitar a divulgação de fotos pessoais em *blogs* e *sites* de relacionamento e evitar adicionar pessoas desconhecidas.

De acordo com Bozza (2016, p. 38), há outro fator presente nessa dinâmica atual: as formas pelas quais a violência se manifesta são diferentes nos dias de hoje em que, com o advento da tecnologia, novas formas de relacionamentos violentos são possíveis. É o caso do *cyberbullying*, da *cyber* agressão, dos linchamentos virtuais. Segundo a autora, "podem ser agressões tão graves quanto as presenciais, indicando sérios problemas relacionados ao desrespeito e à ausência de sensibilidade moral, ferindo, assim, uma convivência digna" (BOZZA, 2016, p.38).

Dessa forma, outra prática importante é sempre denunciar quando a *internet* estiver sendo usada para difamar pessoas, promover *cyberbullying*, aplicar golpes, aliciar crianças. Ao identificar tais ocorrências, a orientação é que se deva registrar denúncia na delegacia mais próxima, caso não haja na localidade delegacia especializada. Respeitar os direitos autorais também deve ser uma prática no uso das informações veiculadas na *internet*.

Para Bozza (2016, p. 232), no universo tecnológico dois elementos são muito utilizados na contemporaneidade - *internet* e redes sociais – sendo importante que se abra espaço para a discussão sobre os novos tipos de relacionamentos existentes no meio virtual. A autora, ao enfatizar a existência do lado negativo dessa temática, aponta que o debate da mesma traz significativas contribuições acerca dos relacionamentos violentos que emergem nesse contexto.

3 PARTICIPAÇÃO DOS PAIS NA ORIENTAÇÃO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES

Conforme revelam as pesquisas aqui discutidas, a maioria dos pais encontra dificuldades em monitorar seus filhos no mundo virtual o tempo inteiro, até mesmo devido ao fato de que, às vezes, sequer sabem como proceder para manter algum nível de segurança na relação dos filhos com as novas tecnologias. É comum também que os pais não compreendam os riscos que o mau uso pode trazer, como ressalta Cappi (2013):

[...] os pais se julgam preparados. Temos um indicador que mostra que a maioria dos pais julga que o filho é capaz de enfrentar situações de risco, e que também o próprio pai é capaz de ajudar o filho em alguma situação de constrangimento. Os pais dizem ser pouco provável que os filhos encontrem alguma situação de risco, de chateação na *internet*, e também muito improvável que ele tenha enfrentado alguma situação no último ano. O pai tem uma percepção muito baixa do risco e se julga capaz de contornar essa situação. (CAPPI, 2013, p. 91-92).

Essa reflexão demonstra um desconhecimento dos pais em relação aos perigos a que seus filhos estão expostos na rede mundial de computadores. Entretanto, de acordo com Deslandes e Coutinho (2020), há a idealização de que pais e outros adultos tenham o discernimento e comportamentos de temperança, numa lógica racionalizadora, o que não é aplicável a todas as realidades, tendo em vista que essa percepção não leva em conta as diferenças e os acúmulos culturais no seio das próprias famílias.

Por estarem muito envolvidos com as novas tecnologias, as crianças e adolescentes acabam por tentar resolver seus problemas usando a *internet*. Esse fenômeno, por sua vez, possibilita que fiquem mais vulneráveis a encontrarem pessoas mal-intencionadas e acabem tendo conflitos, conforme alerta CAPPI (2013):

Recentemente, numa entrevista, uma jornalista me perguntou se a *internet* está substituindo o pai e o professor, porque a criança vai tirar as dúvidas na *internet*. Eu respondi que não tenho indicador para saber se está ou não está, mas se está eu fico preocupado, porque o pai e o professor

são fundamentais na construção da identidade, da educação da criança, ajudando-a a usar a *internet* de uma forma segura. (CAPPI, 2013, p. 92).

Deslandes e Coutinho (2020) alertam, ainda, para o fato de que o uso excessivo da *internet* pode também gerar um transtorno que gera dependência, expressando-se nas cinco formas catalogadas pelo *Center for Online Addiction*⁵:

1-O cyber sexo (*cybersex*), 2- a relacional (das redes sociais), 3- o *Net Gaming Addiction*, que inclui uma ampla gama de comportamentos, como jogos de azar, videogames, compras e comércio eletrônico obsessivo 4- a busca de informações; 5- a adição por jogos. (DESLANDES; COUTINHO, p. 2482).

Para os autores, se os mais jovens são os internautas com maior tempo de uso, em algumas situações de excepcionalidade essa condição de exposição parece se acirrar. Porém, os limites entre as definições de transtorno e normalidade serão redefinidas a partir do grau de tolerância cultural a tais práticas. Entretanto, é possível inferir que, no contexto da sociabilidade digital, o uso intensivo da *internet* pode aumentar a vulnerabilidade de crianças e adolescentes às violências, inclusive as autoinflingidas (DESLANDES; COUTINHO, 2020).

Essa realidade levou à criação, no Brasil, de vários canais que apoiam os pais no combate às más práticas no ambiente virtual e na orientação para o uso consciente e responsável, dentre eles o *NO HELPLINE*, um canal gratuito que oportuniza locais e ferramentas para que os pais e outros interessados possam se instruir melhor, por meio de manuais de orientações, palestras disponibilizadas virtualmente, os contatos de entidades voltadas para estudos na área, dentre outras. O *NO HELPLINE* tira dúvidas sobre como lidar com situações entre pais e filhos no uso da *internet*, disponibilizando psicólogos para apoiar os pais no processo de orientação de adolescentes e crianças sobre os riscos da rede mundial de computadores. Tais iniciativas contribuem para que os adultos possam se munir de informações para lidar melhor com as novas tecnologias da informação e orientar os jovens quanto aos riscos.

⁵ O *Center for Internet Addiction* foi fundado pelo Dr. Kimberly Young em 1995. Ele fornece tratamento para o vício em *Internet* usando CBT-IA (Terapia Cognitivo-Comportamental) especializada de Young para vício em *Internet*. Segundo o autor, este é o primeiro programa de recuperação digital *detox* baseado em evidências.

Entretanto, um grande desafio para os adultos em relação ao monitoramento não está apenas no uso das técnicas, tal como a criação de barreiras de acesso a certos conteúdos, tendo em vista que, em geral, os pais têm menor domínio digital em relação aos adolescentes e até mesmo às crianças, como reiteram Deslandes e Coutinho (2020). Entretanto, os autores lembram que, embora os adolescentes sejam habilidosos no uso das tecnologias, são imaturos acerca dos possíveis riscos no ambiente digital, e do perigo que pode ocorrer com o consumo de determinados conteúdos, sem mediação ou sem filtros.

Dessa forma, é importante que os adultos estejam conscientes dessa nova realidade, e possam ver a *internet* como uma ferramenta capaz de ajudar no aprendizado de crianças e adolescentes, mas também abertos a construir um processo de diálogo com crianças e jovens quanto ao uso desse dispositivo, tendo em vista que o diálogo e a escuta sem julgamento são as ferramentas mais efetivas e educativas para se relacionar com os filhos. Além de estarem dispostos a aprender com esses, casos não saibam navegar. Ao valorizar o conhecimento dos mais jovens, pode se estabelecer cumplicidade e ajudar a melhorar a autoestima da criança e do adolescente. Ao terem seu conhecimento valorizado, os mais jovens percebem como um indicador de que estão na mesma condição que os adultos, estimulando uma relação de respeito mútuo.

4 O USO DAS NOVAS TECNOLOGIAS NA ESCOLA

Os recursos da *internet* aplicados no ambiente educativo podem contribuir de forma efetiva para o desenvolvimento de novos processos educacionais, auxiliando professores e alunos na construção de uma postura crítica frente à realidade, de acordo com Castells (1999). Para esse autor, o uso desses recursos informacionais pode propiciar um processo de construção do conhecimento, tendo em vista que os sujeitos envolvidos estão em constante interatividade, podendo também ajudar a ampliar e modificar a forma de ensinar dos professores e a de aprender dos alunos (CASTELLS, 1999, p. 565).

Inevitavelmente, a escola se depara com uma nova geração de alunos que, em sua maioria, são usuários ativos das novas tecnologias da informação. Cappelletti (2013), ao se referir a uma pesquisa realizada junto a alunos de escolas públicas, observa que, ao perguntar sobre qual seria

a proporção dos que utilizam a *internet* para realizar as atividades escolares, chegou-se a um percentual de 90% dos alunos. Para ela, esta “já é uma realidade, então o professor vai ter que se adaptar” (CAPPI, 2013, p. 89).

Dados da pesquisa TIC Kids Online Brasil 2019 revelaram que, na área de educação, as práticas mais comuns entre os alunos foram pesquisas escolares (41%) e estudo online por conta própria (40%). Apontaram, ainda, que o acesso à *internet* por crianças e adolescentes é predominantemente domiciliar: 92% da população investigada acessou à *internet* de casa e 83% da casa de outras pessoas. Na escola o acesso foi reportado por apenas 32% dos entrevistados. Entretanto, o acesso exclusivo pelo telefone celular e a falta de conectividade nos domicílios são limitações que denunciam a falta de políticas públicas, fatores que dificultam, por exemplo, a continuidade das atividades de ensino e aprendizagem (CETIC.BR, 2020).

Muitas escolas ainda hoje têm dificuldades em lidar com o avanço célere das tecnologias, e seus professores não têm suficiente capacitação para atender às demandas do seu uso no ambiente escolar. Mesmo nos dias atuais, é comum a restrição de acesso à *internet* nas salas de aula por meio de aparelhos móveis (celulares, *tablets* e outros), o que gera uma grande insatisfação por parte dos alunos, que costumam transgredir tais regras e utilizam seus celulares em seu tempo livre na escola e até mesmo durante as aulas. Muitas vezes a resistência dos professores está relacionada justamente ao desconhecimento para lidar com as essas tecnologias, seus desafios e possibilidades.

Diante deste cenário, muitos estudos vêm sendo desenvolvidos no intuito de buscar caminhos para resolver esse impasse. Para que haja uma solução se faz necessário que a escola compreenda as questões sociais e culturais relativas à cibercultura dos jovens e perceba o fenômeno de uso das novas tecnologias como uma oportunidade de aproximação e um processo de aprendizagem mútuo, segundo Nagumo e Teles (2016). Esses autores defendem que é necessário ensinar aos estudantes que a possibilidade de acesso às informações pelo celular onde e quando quiserem não significa que eles devam fazer isso a todo o momento.

Se o uso desses aparelhos hoje faz parte da construção da identidade dos jovens, a escola pode partir desse interesse para se aproximar dos estudantes. Um trabalho com os alunos para o uso consciente da tecnologia pode criar bases para uma

sociedade mais colaborativa, inteligente e criativa, de acordo com Nagumo e Teles (2016). Por outro lado, a escola precisa capacitar seus professores para que eles possam dar suporte aos alunos ou fazer com que eles se conscientizem no que diz respeito ao uso que fazem da *internet*. Ainda, é preciso fazer com que os alunos não sejam apenas usuários, mas também produtores de tecnologia e de bons conteúdos.

Para Fonseca (2018), a tecnologia é uma linguagem e os alunos precisam saber o código dessa linguagem, para que não se tornem reféns de algo que não dominam. Se os jovens de hoje não conhecerem os princípios básicos dessa linguagem, desses códigos que irão programar as novas tecnologias da informação, e que estão ligados às suas vidas, haverá um grande fracasso na educação, neste aspecto. As tecnologias devem estar presentes no cotidiano das disciplinas para que professores e alunos possam aprender juntos, no sentido de construir estratégias para a superação da utilização passiva e descobrir como interferir, de forma criativa, para produzir conhecimentos novos a partir dessa linguagem.

O vídeo "Como usar as Novas Tecnologias na Educação: sala de aula deve ser ambiente de criação", produzido por André Azevedo da Fonseca, trata do uso das novas tecnologias de forma criativa e inovadora e discorre sobre alguns dos desafios que o professor enfrenta para usá-las na sala de aula. A produção sugere que o uso da *internet* na escola deve se dar de forma crítica e o professor buscar fugir das repetições, inovando e trazendo novos desafios, algo que os alunos ainda não saibam.

Entregar algo que já venha pronto pode não despertar o interesse dos mesmos e, neste sentido, o ideal é que se fuja das atividades como jogos educativos ou pesquisas no Google, que já fazem parte do cotidiano dos alunos e poderá não motivá-los. Dessa forma, segundo Pereira, Souza e Peixinho (2012),

a escola, ao incorporar os recursos tecnológicos, passará a ser um lugar mais atraente para os alunos, não havendo o distanciamento entre as aulas e a realidade vivida pelos educandos, pois eles têm intimidade com os computadores e, principalmente, um grande interesse em navegar pela *internet*. (PEREIRA; SOUZA; PEIXINHO, 2012, p. 15).

Quando a *internet* no ambiente escolar é utilizada para se obter informações com vistas à

pesquisas acadêmicas e estudos, é uma fonte provável de importantes contribuições com o processo educacional. Assim, o caminho é buscar orientar os alunos no que diz respeito ao uso das informações que circulam na rede mundial de computadores, saber interpretar e discernir o que é confiável ou não. É necessário saber que aquilo que é feito na *internet* é registrado, o que possibilita que tudo seja monitorado a cada *click*, sendo as informações armazenadas por empresas e corporações que as utilizam em seu favor. Nada que acontece na *internet* é de forma aleatória, as buscas são utilizadas pelas empresas para formar perfis, principalmente com objetivos comerciais, mas não apenas, cabendo à escola transformar o usuário da tecnologia também em um crítico.

O crescimento do uso da *internet* no ambiente escolar é real, irreversível e tem se tornado um sério problema em muitas escolas. Entretanto, ainda existe o questionamento: qual o papel da escola ao tratar dessa questão e como evitar os riscos que o consumo excessivo traz, mantendo os alunos engajados com o aprendizado? O *blog* Escolas Disruptivas, em matéria veiculada em 2019, apresenta algumas soluções que podem fazer a diferença, entre elas capacitar os professores; alertar os alunos sobre os perigos da exposição de dados; dialogar a respeito dos perigos do *cyberbullying*; orientar os alunos sobre os métodos de pesquisa; dar dicas de segurança na *web*, integrar os esforços entre escola e família e propor atividades multidisciplinares, dentre outras. É, enfim, fazer com que os alunos aprendam a transformar o que têm em mãos e não se conformarem com o papel de consumidores passivos de conteúdos. Apesar de não ser uma tarefa fácil é o caminho a seguir.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo sobre o uso das TICs e o papel de pais e professores na busca por um uso mais produtivo e seguro, considera-se imprescindível assinalar a importância da responsabilidade e atuação de ambos nesse processo, adotando algumas posturas e medidas protetivas quanto ao uso dessas tecnologias por seus filhos e alunos.

A parceria entre pais e escola deve nortear este trabalho de maneira a desenvolver nas crianças e jovens um perfil crítico quanto ao uso das TICs para que eles possam se resguardar dos perigos encontrados no mundo virtual bem como de adotar uma postura ética e consciente dos benefícios e riscos que as novas tecnologias podem proporcionar.

Existe, principalmente, a necessidade de que haja uma conscientização dos pais no intuito de adotar uma postura assídua e protetiva em relação ao uso da rede e das TICs por parte de seus filhos. A melhor tecnologia que os pais podem utilizar nesse processo é o diálogo, a relação de afeto e confiança, acompanhando suas atividades na *internet*.

A tecnologia, se bem utilizada, torna-se uma importante aliada dos educadores em sala de aula, especialmente se eles demonstram conhecer as tendências e saibam dar respostas às questões

trazidas pelos alunos. Por fim, é essencial que a escola e os professores trabalhem como elemento central a ética no uso da tecnologia, pois é papel fundamental da educação ensinar questões sobre atitude e civilidade na comunicação. Talvez este seja um dos tópicos de reflexão mais importantes no debate sobre cidadania na rede: respeito mútuo, gerando padrões e atitudes de comportamento que sejam validados por todos.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA BRASIL. **Brasil tem 134 milhões de usuários da internet, aponta pesquisa.** Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2020-05/brasil-tem-134-milhoes-de-usuarios-de-internet-aponta-pesquisa>. Acesso em: 11 de junho de 2021.

BOZZA, Thais Cristina Leite. O uso da tecnologia nos tempos atuais: análise de programas de intervenção escolar na prevenção e redução da agressão virtual. **Dissertação (Mestrado)**. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação. Campinas, SP: [s.n.], 2016. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/305317/1/>. Acesso em: 11 jun. 2021.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CETIC.BR. **Pesquisa TIC Kids Online Brasil.** Disponível em: https://cetic.br/media/analises/tic_kids_online_brasil_2019_coletiva_imprensa.pdf. Acesso em: 11 jun. 2021.

CUSTE O QUE CUSTAR. Programa de televisão. **CQC perigos da internet.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Uno4nZLKQPA>. [Vídeo]. Acesso em: 27 mar. 2018.

DESLANDES, Suely Ferreira; COUTINHO, Tiago. O uso intensivo da internet por crianças e adolescentes no contexto da COVID-19 e os riscos para violências autoinflingidas. **Ciência & Saúde Coletiva [online]**. 2020, v. 25, suppl. p. 2479-2486. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232020256.1.11472020>. Acesso em: 11 jun. 2021.

ESCOLAS DISRUPTIVAS. Blog. Disponível em: <https://escolasdisruptivas.com.br/escolas-do-seculo-xxi/seguranca-na-internet-como-a-escola-pode-ajudar-seus-alunos/>. 2019. Acesso em: 12 jun. 2021.

FONSECA, André Azevedo da. **Como usar as Novas Tecnologias na Educação: sala de aula deve ser**

ambiente de criação. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Zge9v2jIhRA&feature=youtu.be>. Acesso em: 26 mar. 2018.

JEREISSATI, Tatiana; CAPPI, Juliano. Pais, adolescentes, *internet* e escola: uma relação delicada. [Entrevista]. **Comunicação & Educação**, ano XVIII, n. 1, jan./jun. 2013. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/viewFile/69254/71713>. Acesso em: 28 mar. 2018.

NAGUMO, Estevon; TELES, Lucio França. O uso do celular por estudantes na escola: motivos e desdobramentos. **Rev. Bras. Estud. Pedagog.** [online]. 2016, v. 97, n. 246, p.356-371. ISSN 0034-7183. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S2176-6681/371614642>. Acesso em: 11 jun. 2021.

O TEMPO. Jornal online. **Brasil é o país com maior número de vítimas de roubo de dados na internet.** Disponível em: <https://www.otempo.com.br/interessa/brasil-e-o-pais-com-maior-numero-de-vitimas-de-roubo-de-dados-na-internet-1.2455194>. Acesso em: 11 de junho de 2021.

PEREIRA, Maryana Barrêto; SOUZA, Albano de Goes; PEIXINHO, Kamilla de Fátima Magalhães. A utilização da *internet* como ferramenta de aprendizagem: o professor como inovador educacional. **6º. Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade**. São Cristóvão, Sergipe, 2012. Disponível em: <https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/10177/61/60.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2021.

PONTE, Cristina; VIEIRA, Nelson. **Crianças e internet, riscos e oportunidades:** um desafio para a agenda de pesquisa nacional. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa; Universidade Técnica de Lisboa. Projecto EU Kids Online. Disponível em: http://www2.fcsh.unl.pt/eukidsonline/docs/EU_Kids_OnlineVersao170707.pdf. Acesso em: 28 mar. 2018.

SLAIMAN, Cristina. **O desafio de educar os filhos na sociedade digital.** Sociedade de Advogados. Disponível em:

http://www.sleiman.com.br/uploads/odesafiodeeducar_osfilhos.pdf. Acesso em: 28 mar. 2018.

GVT: Banda Larga, TV por Assinatura e Telefonia Fixa. **Guia de Navegação para o Uso Responsável da internet.** [Vídeo]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gmVjPr-8Pp4>. Acesso em: 26 mar. 2018.

Internet e seu filho: Especialistas dão dicas para os pais manterem seus filhos a salvo no mundo virtual. **Veja. Com.**, 6 jul. 2009. [Vídeo]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uoBBzuYTzWo>. Acesso em: 26 mar. 2018.

NO HELPLINE. Disponível em: <http://new.safernet.org.br/helpline>. Acesso em: 26 mar. 2018.

How to cite (ABNT)

RODRIGUES, Maria Flávia Ribeiro; CARVALHO, Wellington Marçal de. The role of parents and teachers in the productive use of Information and Communication Technologies. **JOSSHE: Journal of Social Sciences, Humanities and Research in Education**. v. 4, n. 1, p. 14-22, Jan./June, 2021. <https://doi.org/10.46866/josse.2021.v4.n1.97>